

RITA VILELA

OS  
DESCENDENTES DE  
MERLIN

HERÓIS DO MAR

BBC  
CLASSIC





RITA VILELA

OS  
DESCENDENTES DE  
MERLIN

---

HERÓIS DO MAR

CLU  
BE:  
AUT  
OR



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990.

© 2015, Rita Vilela  
Direitos para esta edição:  
Clube do Autor, S. A.  
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º  
1050-019 Lisboa, Portugal  
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21  
info@clubedoautor.pt

Título: *Os Descendentes de Merlin – Heróis do Mar*  
Autor: Rita Vilela  
Revisão: Silvina de Sousa  
Paginação: Maria João Gomes,  
em caracteres Aldine  
Impressão: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-264-9  
Depósito legal: 398415/15  
1.ª edição: Outubro de 2015

[www.clubedoautor.pt](http://www.clubedoautor.pt)



À Luísa, ao Henrique e ao Pedro,  
companheiros de aventuras



Numa simbólica sexta-feira 13, numa operação concertada por toda a Europa, as casas dos descendentes de Merlin foram invadidas pelo Adamaſtor. Muitos descendentes foram aprisionados e mortos nesse dia.

Os que conseguiram escapar dirigiram-se para locais de encontro, para reagrupar e definir uma nova estratégia. Um dos lugares escolhidos foi Coimbra e, numa tarde em que os meus irmãos e eu visitávamos a Lina, eles começaram a chegar.

Entretanto, de Amesterdão, chega um pedido de ajuda, é necessário recuperar um manuscrito para salvar outras vidas.

O Adamaſtor está em todo o lado. Poderíamos nós, apenas quatro jovens, fazer frente a um inimigo tão poderoso?

Heróis do passado, do tempo em que os portugueses dominavam os mares, mostram o caminho, inspiram-nos e dão-nos a resposta.

É esta aventura que vos trago agora, mas, não se iludam, apesar de na altura não passarmos de uns putos, este relato não é para crianças, os perigos que enfrentámos foram reais, e se agora me atrevo a falar neles é porque muita coisa já mudou e eu próprio já cresci.



## Não respira

O toque da campainha ecoou, insistente, sugerindo que quem se encontrava do outro lado estaria com pressa... Ou talvez fosse só uma brincadeira. Pelo sim pelo não, acelerei em direção à entrada.

Assim que abri a porta, a mulher cambaleou e caiu à minha frente.

Aguardei, na esperança de que o meu irmão avançasse, mas ele não o fez. A Lina, a Dália e ele olhavam assustados para o corpo estendido no chão. Nesse momento percebi que nenhum deles sabia o que fazer, o problema estava nas minhas mãos.

Aproximei-me da vítima, tentando recordar o que aprendera no curso de socorrismo que frequentara dois meses antes.

O primeiro passo consistia em verificar as condições de segurança. Era necessário garantir a proteção do socorrista e não arriscar aumentar o número de vítimas durante o processo de prestação de auxílio.



O único risco que identificava ali era se aquela mulher estivesse a ser perseguida e os perseguidores chegassem até nós.

– Encosta a porta – pedi ao Rodrigo. Ajoelhei-me então junto da vítima e concentrei-me no passo seguinte: verificar se se encontrava consciente.

– Está a ouvir-me? Está a ouvir-me? – perguntei, batendo-lhe nos ombros.

Não obtive reação, concluí que estava inconsciente.

– Vou precisar de ajuda. Fiquem por perto... – pedi à Dália e ao Rodrigo, pois a Lina acabara de sair do apartamento, dizendo qualquer coisa que não percebi.

O meu irmão preparava-se para ir atrás da Lina, mas, em resposta ao meu pedido, fechou de novo a porta e regressou para perto de mim.

A próxima tarefa era verificar se havia algum objeto dentro da boca da mulher. Ajoelhei-me junto dela, coloquei-lhe uma mão na testa e a outra no queixo, entreabri-lhe a boca e espreitei. Não havia ali nada que bloqueasse a garganta.

– Verificar se respira – identifiquei, em voz alta, a etapa seguinte.

Abri a camisa da vítima, encostei o ouvido à boca dela e tentei detetar se existia algum som ou se sentia alguma deslocação de ar resultante da respiração, enquanto lhe observava o peito em busca de movimento e contava pausadamente até 10.

Naqueles 10 segundos mal contados, durante os quais deveria ocorrer pelo menos dois ciclos respiratórios, não identifiquei nenhum sinal de que respirasse.

Merda! O pior cenário estava ali, à minha frente.

– A vítima está em paragem cardiorrespiratória – declarei.



Com as mãos a tremer, puxei-lhe o sutiã para cima, assentei a base da mão direita entre os seios, no centro do peito da vítima, coloquei a outra mão por cima e comecei a fazer força, tal com praticara nas aulas de socorrismo no peito de um boneco.

Sem parar o movimento, virei-me para o Rodrigo e pedi:

– Liga para o 112. Identifica-te, diz que temos uma vítima do sexo feminino, com vinte e poucos anos, em paragem cardiorrespiratória. Diz-lhes que estamos a efetuar manobras de reanimação, mas que o socorrista tem pouca experiência... E não te esqueças de dar indicações precisas sobre o local onde estamos, para eles chegarem mais facilmente.

Parei com a massagem cardíaca, puxei a cabeça da vítima um pouco para trás, tapei-lhe o nariz e, após uma pequena hesitação, encostei a minha boca à dela e soprei. Voltei a inspirar fundo e soprei mais uma vez. Depois reiniciei a massagem cardíaca.

No curso de socorrismo tinham-me oferecido um protetor para colocar entre a boca do socorrista e a da vítima durante o processo de reanimação, mas eu deixara-o em casa. Rezei para que aquela mulher não tivesse nenhuma doença contagiosa grave, pois, se assim fosse, sem a segurança do protetor, eu poderia ficar infetado.

– Dália, podes contar o número de massagens e avisar-me quando eu chegar aos trinta? Ao fim de trinta compressões deve haver duas insuflações. – Assim que obtive a confirmação da minha irmã de que estava a contar, virei-me para o Rodrigo: – E então, já conseguiste?

– Está a tocar. Ninguém atende – respondeu-me.

– Parece que trinta por cento das chamadas para o 112 são falsas, feitas por brincadeira. Será que as pessoas não





percebem que brincar com este tipo de coisas pode custar vidas?! – comentei, indignado.

– Vinte e nove... Trinta... Sopra – avisou a Dália.

Interrompi a massagem cardíaca e soprei por duas vezes na boca da vítima, antes de recomeçar.

– Boa tarde, temos uma emergência – começou o Rodrigo, mas interrompeu-se logo em seguida, parou de falar e desligou o telemóvel.

– O que estás a fazer? – questionei, horrorizado. – Agora vão demorar imenso tempo a atender outra vez.

– Desculpa, mas não podemos arriscar.

– Como?! – Eu não queria acreditar no que ele dizia.

– Trinta... Sopra – avisou a Dália, e eu obedeci, enquanto o meu irmão continuava:

– A mãe da Lina anda há semanas fora de Portugal a contactar guardiães da História para os avisar de que a sua identidade pode estar comprometida, que o manuscrito que revela os nomes dos descendentes de Merlin foi roubado e está nas mãos do inimigo. Este endereço foi divulgado nas nossas fileiras, entre fiéis e guardiães, como sendo um abrigo seguro, a seguir a esta mulher, outros chegarão em busca de asilo.

– Trinta... Sopra – repetiu a Dália, enquanto o meu irmão continuava.

– Ela é jovem, alguma coisa lhe devem ter feito para provocar este ataque e, se o fizeram intencionalmente, vigiarão as ambulâncias a fim de descobrirem para onde ela foi. Se identificam este local, todos os guardiães que aqui procurarem abrigo correm perigo. Não podemos chamar o 112.

– Mas então... vais deixá-la morrer?! – perguntei, avançando em seguida para mais duas insuflações.



– Tu estás a fazer o que deve ser feito. Se estiver ao alcance de um socorrista, vais conseguir – insistiu. – Se não, metemo-la no carro e levamo-la ao hospital. Ou posso ligar para o Afonso, que está a fazer o estágio de medicina em Aveiro.

– Os primeiros dez minutos são cruciais, depois disso as possibilidades de recuperação baixam muito. Se paro a reanimação para a transportar, ela morre... E o Afonso nunca chegará a tempo.

– Vinte e nove... Trinta... Sopra – interrompeu a Dália.

– Rodrigo, liga para a merda do 112 – gritei-lhe. – Ela vai morrer... Eu não estou a conseguir salvá-la.

– Não! – teimou. – Não podemos arriscar a segurança dos que virão a seguir.

Ele manteve-se firme e eu, sem grande fé, fui repetindo os procedimentos, 30 compressões, duas insuflações, 30 compressões, duas insuflações, 30 compressões...

Os joelhos doíam-me, os braços doíam-me, mas sabia que não podia parar. No curso tinham-nos ensinado que só há três situações em que podemos parar o processo de reanimação: quando a vítima volta a respirar (o que ainda não acontecera); quando chega a equipa de socorro para nos substituir (o que, graças ao Rodrigo, não iria acontecer); ou em caso de exaustão (e eu ainda não estava exausto...) A vida daquela mulher estava nas minhas mãos e eu não podia desistir.

“Por favor, respira. Vá lá, respira”, pedi, em pensamento, à mulher que tinha à minha frente.

– Respira! Porra! Respira – disse, em desespero.

Soprei mais duas vezes para dentro da boca dela e quando recomecei a massagem senti que algo mudara. Era como se o corpo contrariasse a minha pressão.



Parei por um instante e reparei que o peito dela já se movia sozinho.

– Está a respirar – gritei, cheio de entusiasmo. – Está a respirar!

Seguindo os procedimentos aprendidos, rodei o corpo dela na minha direção, de modo a que ficasse de lado, com a cabeça assente nas costas da mão. A perna foi ajustada de forma a mantê-la estável e a cabeça foi empurrada ligeiramente para trás, a fim de facilitar a deslocação do ar.

Ela estava agora em “posição lateral de segurança”, uma posição que evitava o perigo de se engasgar, com a língua ou com a saliva, enquanto se mantivesse inconsciente.

– Dália, controla, por favor, se ela continua a respirar e avisa-me se tiveres dúvidas.

Podia ter pedido ajuda ao Rodrigo, mas estava furioso com o que ele fizera e não me apetecia dirigir-lhe nem uma palavra.

Agora que o pior já passara, deixei-me cair para o chão, sentindo-me invadido por algo que provavelmente poderia ser descrito como “exaustão”.

Fechei os olhos por breves instantes e devo ter adormecido. Acordei em sobressalto e a minha preocupação foi para a mulher estendida no chão da entrada.

– Ela continua a respirar – esclareceu a Dália, antes que eu tivesse tempo de colocar a pergunta.

– Dormi muito tempo? – quis saber.

– Dois ou três minutos – respondeu o Rodrigo. – Mas nada aconteceu nesse período, não perdeste nada.

Voltei a ajoelhar-me junto da vítima, confirmei por mim próprio que a respiração se mantinha. Três ciclos respiratórios em 10 segundos, o que era normal.



Compus-lhe a roupa, para que não ficasse com o peito exposto, e voltei a chamá-la. Desta vez ela abriu os olhos.

– Onde estou? – perguntou.

– O meu nome é Luís. Está tudo bem, encontra-se em segurança. – Lembrava-me que manter a vítima calma era um passo importante e procurei que a minha voz transmitisse uma tranquilidade que eu ainda não sentia. – Quando lhe abrimos a porta, desmaiou. Como se sente agora?

– Sabem onde fica a Silunica?

– Essa não, mas há uma Solérica neste prédio – respondeu-lhe a Lina prontamente, reconhecendo a senha e fornecendo a contrassenha.

– Alguém mais sabe que estou aqui? – questionou, ainda agitada.

Lancei um olhar crítico ao meu irmão, que lhe respondeu:

– Na realidade, não. Tivemos medo que pudesse ser uma armadilha, que o Adamastor seguisse a ambulância até aqui e não chamámos o 112.

– É possível! – afirmou, depois de refletir. – Fui capturada, injetaram-me um drroga qualquerr... senti uma prressão forrte no peito. Consegui fugirr, mas a fuga foi fácil... surrpriendentemente fácil. É possível que a ideia deles fosse descobrrirr este esconderrijo, sim. Agirram bem! – O português era correto, mas a forma como carregava nos erres não deixava dúvidas sobre a sua origem estrangeira.

– Eu sabia! – exclamou o Rodrigo, triunfante, olhando para mim.

Não me apeteceu dar-lhe razão e centrei-me na mulher que acabara de voltar à vida, ignorando o meu irmão.

– O que podemos fazer para ajudar? – perguntei-lhe.



– Se eu estiverr cerrta, o piorr já passou. Só ppreciso de ganharr um pouco mais de forrças.

Esperámos, dando-lhe espaço, mas mantendo-nos atentos.

Quando ela tentou erguer-se, o Rodrigo e eu ajudámo-la a levantar-se e a deitar-se no sofá.

– O meu nome é Marie Lune.

– É uma descendente de Merlin, uma guardiã da História? – perguntou a Dália, reparando que o nome dela tinha todas as letras da palavra Merlin. – Nós os três somos fiéis.

– Sim, sou – reconheceu. – E vocês salvaram-me.

– Eu não fiz nada. Foi o Luís que fez tudo – afirmou a Dália. – Ele é que esteve não sei quanto tempo a tratar da reanimação...

A mulher fez um gesto para que me aproximasse, agarrou-me nas mãos e, olhando-me com intensidade, disse:

– Devo-te a vida. Obrrigada – os olhos dela estavam brilhantes, com lágrimas a querer surgir.

Foi tão estranho, aquela frase comoveu-me e senti também eu os olhos a ficar húmidos. A consciência de que aquela mulher só estava viva graças à minha intervenção mexeu comigo... até àquele dia, eu nunca fizera nada tão especial. Desejei mudar para medicina para poder fazer este tipo de diferença no meu dia a dia.

Depois, senti os meus irmãos junto de mim, a bater-me nas costas e a dar-me os parabéns, fui contagiado pelo entusiasmo deles e agora só me apetecia andar aos saltos pela casa. Eu salvara uma vida... Eu conseguira! A sensação era espetacular.

Sorri para a mulher que eu acabara de resgatar da morte e respondi-lhe, com sinceridade:



– Fico mesmo feliz por ter ajudado.

Mas a alegria durou pouco. De repente dei-me conta de que a Lina não estava ali, junto a nós, e fiquei preocupado. Onde é que ela se metera?

Liguei-lhe para o telemóvel, mas ouvi-o tocar na cozinha... ela saíra sem ele.

Tive receio de deixar a Marie Lune sozinha, por isso pedi ao Rodrigo que fosse procurar a Lina. O meu irmão regressou pouco depois declarando que dera a volta ao bairro sem a ter encontrado nem visto ninguém suspeito.

– Ela não saiu há muito tempo, não tarda nada está de volta! Coimbra é grande e o relógio é sempre mais lento para quem espera... – declarou ele, com uma calma irritante. – É melhor aguardarmos um pouco antes de nos pormos, feitos tontos, a correr a cidade. A verdade é que ela pode estar em qualquer lugar.

Comecei a imaginar o pior. Será que, para salvar uma guardiã que não conhecíamos, tínhamos perdido a nossa? A ideia era assustadora.



## Partida para as Índias

Os relatos escritos pelos descendentes de Merlin (também conhecidos por guardiães da História) têm o poder de induzir transe mágicos que transportam quem os lê ou ouve para o momento que preservam, permitindo reviver esses episódios com todo o realismo, como se estivéssemos lá, fizéssemos parte da ação. Mas, mesmo quando nos limitamos a ouvir uma versão contada, sem efeitos mágicos, continuam a ser interessantes, pois, graças ao dom da Visão, os guardiães conseguem estar sempre no lugar certo, à hora certa.

Desde que a Lina começara a partilhar connosco episódios históricos preservados por guardiães, tínhamos ficado “viciados” em História e não perdíamos uma oportunidade de saber mais. Uma nova guardiã teria certamente novas histórias, o Rodrigo sabia disso e perguntou à Marie se não se importava de partilhar connosco algum relato que tivesse lido, para ajudar a descontraír.



Em resposta ao meu irmão, a Marie retirou então do forro do casaco um saco de veludo contendo um livro pequeno de aspeto muito, muito, antigo.

– Tinha-o escondido num baldio antes de ser apanhada pelo Adamastorr e consegui recuperá-lo quando fugi deles – explicou. – Foi o único que escapou de todo o espólio que tinha guardado.

Antes de começar a ler, explicou-nos que era um relato de um descendente de Merlin português que, durante o reinado de D. Manuel, deixara o nosso país para ir testemunhar episódios ligados à presença dos lusos nas Índias, na sequência da rota marítima aberta por Vasco da Gama para essa zona do globo. O relato era uma espécie de diário que ele tinha escrito aos poucos. Avisou-nos também que, como o texto era grande, não o ia conseguir partilhar todo, mas, se quiséssemos, ela depois emprestava-o à nossa guardiã.

– Podes contar-nos como se fosses a pessoa que o escreveu, Marie? – pediu a minha irmã. – Quando são diários, a Lina costuma fazer isso e é muito mais giro.

– Combinado! Mas não prometo ser fiel nas palavras, vou substituir o português arcaico por uma linguagem mais atual. Alguém se importa?

– Assim é perfeito! – respondemos os três ao mesmo tempo, e ela começou.

Reparei como os meus irmãos se recostavam no sofá, preparando-se para receber uma nova história. E eu deixei-me mergulhar na narrativa sem sequer reparar que a Marie Lune continuava a acentuar os erros.

Sei que corro o risco de ser acusado de uso indevido dos relatos mágicos, mas a minha consciência está tranquila. Se





recorro à escrita merliana no meu diário, é apenas porque algumas das pessoas notáveis cujos feitos decidi narrar ficariam em risco se os meus inimigos suspeitassem dos laços que nos unem. Falo da minha fiel, uma das primeiras mulheres europeias de alguma linhagem a pisar as Índias; falo de um homem invulgar que, sempre a debater-se com falta de recursos, construiu, no Índico, um império para Portugal; falo de um rapazinho chamado Diogo que se tornou o melhor navegador do mundo e foi autor de uma façanha que ninguém acreditava ser possível; falo de um cirurgião que, em conjunto com mais quatro homens, impediu 500 turcos armados de tomarem um baluarte semidestruído... Mas vamos começar pelo princípio:

Corria o ano de 1505, estávamos no fim de março, o cais estava cheio de gente, eram muitos os que queriam testemunhar a partida para as Índias da grande frota portuguesa, composta por 16 naus, 6 caravelas e 1500 homens, que levava D. Francisco de Almeida para assumir o cargo de primeiro vice-rei das Índias.

Mas, para mim, só um barco interessava, aquele onde se destacava uma figura feminina, de pé, com ar altivo. Os meus olhos não se detiveram nela e continuaram a procurar entre as figuras que a rodeavam, até pararem num pajem que aparecia à sua esquerda. Seria quem eu procurava? Àquela distância era difícil de perceber.

Os comentários das pessoas que me cercavam chamaram-me a atenção.

Um homem de barbas de aspeto distinto comentava com um amigo que naquele barco seguia a primeira mulher portuguesa a fazer uma viagem daquelas para o Oriente, para as Índias. O outro não tinha a certeza se seria a primeira, mas